

O Olho da Rua: o jornalismo literário na obra de Eliane Brum¹

Luan Pazzini MENDONÇA²
Anelise Zanoni CARDOSO³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

O artigo busca discutir aspectos do jornalismo literário presentes na obra da jornalista, escritora e documentarista gaúcha Eliane Brum. A ideia é encontrar elementos de reflexão sobre a sua produção e a relação com a literatura. Analisamos dez grandes reportagens e seus bastidores, publicadas no livro “O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real”. De acordo com o estudo feito, percebemos que sete características (exatidão e precisão, humanização, estilo próprio e voz autoral, imersão, criatividade e responsabilidade ética) estão presentes na obra da autora, o que faz do livro um excelente exemplo do jornalismo literário.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Literatura; Jornalismo; Eliane Brum; “O Olho da Rua”.

1. Introdução

Quando o termo jornalismo literário vem à cabeça, provavelmente o conceito imaginado é de um texto mais elaborado, escrito a partir de uma visão diferenciada do fazer notícia. Muitas vezes, é possível encontrar nele visões diferenciadas ou até mesmo detalhadas de um pedaço do mundo, com instrumentos de expressão da realidade diferentes.

De fato, o jornalismo literário busca a excelência na linguagem por meio da narrativa. Textos caracterizados pela qualidade podem ser considerados apenas uma de

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 área 01. Intercom Junior – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, e-mail: luanpazzini1@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), é doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e graduada em Jornalismo pela mesma universidade, e-mail: anezanoni@gmail.com

suas características relevantes. Apesar de interessante e de trazer mais envolvimento para o leitor, devido às rotinas de trabalho dos jornalistas, a modalidade aparece cada vez com menos frequência na imprensa – exceto em revistas ou periódicos especializados que fazem do jornalismo literário uma verdadeira bandeira.

De acordo com a teoria, o que jornalismo literário faz é contar histórias de uma forma elegante e bem articulada, por meio de textos. Edvaldo Pereira Lima (2010, p.18) diz que a linha condutora no texto do jornalismo literário está relacionada ao contar histórias. Sob esta perspectiva, geralmente gostamos de contá-las porque faz parte de nossas vidas.

Além de sugerir uma escrita quase impecável do ponto de vista da narrativa, o jornalismo literário foge do convencional, de contar histórias rápidas e de forma simplificada. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2010), o jornalismo literário tem estilo diferenciado da prática de reportagem e do ensaio e ocupa lugar especial na cultura contemporânea.

Não é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante. Tampouco é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente. Pois são precisamente as diferenças que marcam este tipo particular de jornalismo, quando comparado aos padrões mais conhecidos, que lhe dão uma identidade toda própria, uma força comunicativa poderosa e uma qualidade estética notável. (LIMA, 2010,p.9)

Discorrer sobre jornalismo e literatura e não falar de Eliane Brum é um exercício difícil, pois a jornalista contribui para repensar alguns conceitos que são montados a partir destes dois campos de conhecimentos importantes. Ambos ainda necessitam de muitas discussões, pois é preciso avaliar as proximidades, similaridades e diferenças que qualificam os textos da jornalista como narrativas de vidas.

A jornalista narra e conta histórias como ninguém. Apresenta uma linguagem que nos faz parar — na era da velocidade — para ler e pensar. Destaca-se pela alta qualidade dos textos publicados, porque pensa e expõe cada detalhe, levando o leitor a se sentir dentro da cena.

Neste artigo, apresentarei a forma como percebemos os traços, conceitos, reflexões e definições acerca das relações existentes entre jornalismo literário e o trabalho desenvolvido por Eliane Brum nas histórias publicadas no livro “O olho da

rua⁴”. A ideia é também conhecer como as principais características do jornalismo literário se enquadram dentro das histórias tecidas pela jornalista.

2. Relações entre o Jornalismo e a Literatura

O diálogo existente entre jornalismo e literatura começa no século XVIII. Ao longo da história, suas ideias se unem, mas também divergem. Cada um dos gêneros dispõe de especificidade própria, com técnicas e estilos diferenciados para serem criados. Os dois estilos unem-se não só no campo da temática, mas no interior do discurso, de forma que as funções exercidas, com linguagens objetivas e estilos próprios, diferenciem um do outro.

A delicada diferença entre as duas formas de comunicação está em o jornalismo fazer a análise a partir dos fatos, enquanto a literatura se fundamenta na memória pessoal, na imaginação, aperfeiçoando algumas ferramentas da literatura, como o uso de diálogos, a descrição de cenas e ambientes, e, sobretudo, quebrando a secura, a pobreza de um texto raso.

Com o objetivo de levar a informação de forma organizada e bem escrita, Luiz Beltrão (2007) diz que “a informação dos fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum”, pode ser considerada jornalismo.

O jornalista, acostumado a fazer recortes diários daquilo que considera realidade, tem o dever de divulgar o que considera mais importante sobre o fato narrado. Tem o poder de construir a notícia e produzi-la conforme o formato que julgar mais interessante. Segundo Amaral (1969, p. 17), o jornalista tem quatro funções principais: política, econômica, educativa e de entretenimento.

“Isso em se tratando dos países capitalistas, pois a função principal do Jornalismo nos países socialistas é a educativa e em outros governos fortes o “jornalismo é um elemento do regime e uma força a seu serviço” (AMARAL 1969, p 17

4 São Paulo: Ed. Globo, 2008.

De maneira prática e simplista, pode-se dizer que, quando se trabalha com fatos noticiosos, boa parte dos jornalistas escolhe a utilização do lead em estilo pirâmide invertida⁵ para narrar suas histórias. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2010, P.51) o *3Q+COP= que, quem, quando, onde, como e por que*, surgiu por que o repórter escrevia seus relatos e esses, traduzido para o código Morse, percorria quilômetros, até chegar às mãos dos editores que nas redações, convertiam o material recebido, em reportagem publicada. As linhas telegráficas chagavam a atingir mais de 80 quilômetros.

Entretanto, Filho (1989) apenas profissionais renomeados conseguem esta façanha,

O fato de certos jornais na atualidade permitirem a alguns jornalistas renomados a liberdade de serem subjetivos, de usarem um estilo solto e pessoal, de romperem com o clichê linguístico particular daqueles órgãos não muda em nada o caráter genérico da imprensa. (FILHO, 1989,p.38)

Estamos falando não em negar o caráter primordial do jornalismo, muito menos levá-lo a outra forma de desenvolvimento. Jornalismo nunca será literatura e literatura nunca será Jornalismo. A combinação de ambos os gêneros nas reportagens, que aproximem de forma real o leitor da notícia que está sendo passada é jornalismo literário.

Jornalismo literário não é literatura, claro, como sinônimo de obra de ficção. Há trabalhos de qualidade superior, no jornalismo literário, como há trabalhos pobres, medíocres. Assim como na literatura de ficção. Por outro lado, desconfio que algumas críticas ao jornalismo literário, produzidas por especialistas ortodoxos, têm como base um conceito confuso e nublado de jornalismo. (LIMA, 2010, p. 34)

Alceu Amoroso Lima (1969) explica que para um texto ser considerado literatura precisa apresentar em seu meio de expressão, a palavra, haja uma acentuação ou uma ênfase no próprio meio da expressão, que é o seu valor de beleza. Literatura então é a arte da palavra, considerando toda a expressão falada, escrita ou verbal.

⁵ O termo “Pirâmide Invertida” surgiu por uma deficiência técnica, um acaso que contemplou, ao mesmo tempo, o comodismo dos leitores e o interesse dos jornais em suprimir os parágrafos finais quando chegava um anúncio de última hora. Conceito disponível em: GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987. p.183-202.

O jornalismo literário conta histórias, só que de um modo elegante e bem articulado esteticamente. Apresenta texto menos impessoal, preocupa-se em mostrar emoção dos personagens envolvidos. Nos textos, a vida pulsa, com toda a intensidade que essa palavra possa trazer.

O modo de vida das pessoas, o jeito como se comportam, as roupas que vestem, o que carregam consigo e até o que tem dentro do quarto são importantes para a narrativa literária e mostram de fato como as pessoas são e como estão envolvidas nos ambientes que estão.

Histórias contadas por meio do jornalismo literário são vistas com os “olhos” da alma. Captam a realidade e apresentam sentimentos, razões e intuições. Contextualizam, mostram o significado real das coisas. Apresentam qualidades líricas e poéticas, sem deixar de perder o foco na realidade que precisa ser apresentada; cria escritores de histórias de vida vivida.

O jornalista literário é prisioneiro da realidade, pois trabalha apenas com os elementos que lhe são entregues. Flagra a realidade do cotidiano, o que está escondido atrás do extraordinário. Tem em suas mãos o poder de transformar histórias em algo diferente e interessante para o leitor. Cenas que os levem a mergulhar na experiência da realidade. Felipe Pena (2006. p.14) diz que a literatura inserida no jornalismo tem como significado mostrar e falar da realidade com profundidade, abusando dos recursos existentes,

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários⁶ e principalmente garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006,P.14).

De modo geral, o texto jornalístico trabalha com a veracidade, e a literatura com a ficção. O jornalismo literário, entretanto, deve trabalhar com a verdade, trazendo histórias reais por meio de um texto mais trabalhado esteticamente. Literatura e jornalismo andam por caminhos abrangentes que apresentam horizontes com possibilidades infinitas.

2.1. Características do texto jornalístico-literário

6 Considerados autoridades e especialistas famosos que são entrevistados nos jornais.

Para fazer esta análise foram utilizadas algumas características defendidas por autores como Edvaldo Pereira Lima (2009), Felipe Pena (2008) e Carlos Rogé Ferreira Júnior (2003). No desdobramento das características optou-se por utilizar apenas sete delas devido ao pouco espaço neste artigo. As sete características escolhidas para este artigo são: exatidão e precisão, humanização, universalização temática, estilo próprio e voz autoral, imersão, criatividade e responsabilidade ética.

2.1.1 Exatidão e a precisão: Supostamente presente em todas as formas de se fazer jornalismo, o quesito é também fundamental no jornalismo literário. Para Lima (2009), esta característica é bastante desafiadora e está relacionada à criatividade (muito mais do que no jornalismo convencional). Conforme Pena (2008), o jornalista literário desenvolve novas estratégias, mas utiliza técnicas narrativas e práticas do jornalismo diário: “[...] apuração rigorosa, observação atenta, abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente”. Seguindo nesta linha, Ferreira Jr. (2003), destaca que tais elementos fazem parte do ideário do texto jornalístico, “[...] contudo, o modo como se atende a esse quesito no Jornalismo Literário é muito mais criativo – e desafiador – para o autor do que no jornalismo convencional. É também muito mais cativante para o leitor”.

2.1.2 Humanização: Lima (2009, p.359) acredita que a boa narrativa real só se justifica se nela encontrarmos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem vilipendiamos. Segundo Pena, (2008, p. 14), é importante encontrar em um texto de gênero jornalístico literário características que ultrapassem os limites do acontecimento cotidiano: rompendo com a “periodicidade” e a “atualidade”. Desta forma, como destaca Ferreira Jr. (2003, p. 352), na narrativa humanizada evitam-se os estereótipos e as pessoas não são tratadas como “fontes” e sim como “pessoas”, personagens da narrativa. O autor também se humaniza, podendo dar opinião, contar o querente, ser autobiográfico.

2.1.3. Universalização temática: “Os assuntos tratados estão quase sempre encaixados nas suas diferentes áreas de especialização,” afirma Lima (2009, p. 366). Para Pena (2008, p. 14), o jornalista literário deve transcender o espaço de tempo do acontecimento imediato abordando temas e contextualizando a informação “[...] da forma mais abrangente possível”. Seguindo no mesmo pensamento, Ferreira Jr. (2003,

p. 353) diz que o jornalista literário cria um sistema de causa e consequência, ao contrário do enfoque linear do jornalismo informativo.

2.1.4 Estilo próprio e voz autoral: No jornalismo literário um dos principais coadjuvantes é o repórter, que tem espaço para criar textos criativos, capazes de explorar seu talento. Lima (2009, p.369) diz que “o texto atrelado ao real, precisa comunicar com desenvoltura. Ver o mundo com olhar diferenciado, liberto de condições limitadoras que empobrecem a visão, é condição desejável.” Assim como um bom livro permanece por várias gerações e contextos históricos, o jornalismo literário busca esta perenidade, afirma Pena (2008, p.13). Neste caso, o texto sai do superficial, ao contrário das reportagens que são esquecidas no dia seguinte. Ferreira Jr. (2003, p. 84) conta que há liberdade temática, não havendo a obrigação de vincula-lo a editoriais, porque pode tornar-se universal, não ficando preso apenas aos fatos da atualidade, usando fontes diversas.

2.1.5. Imersão: “Só há uma maneira de um bom repórter aquilatá-la melhor: mergulhando na própria. O autor precisa ir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens”, afirma Lima (2009, p. 373). Para Pena (2008, p. 15), as fontes oficiais, procuradas em função também da falta de tempo do jornalismo diário, por serem legitimadas e com relacionamento prévio com a imprensa. “[...] é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados”. Já para Ferreira Jr. (2003, p. 85), a imersão está ligada diretamente ao aspecto da humanização, que inclui a realidade dos personagens e a pesquisa.

2.1.6. Criatividade: Um dos requisitos mais importantes para se fazer um texto atraente ao leitor. Conforme Lima (2009, p. 384), esta capacidade traz possibilidades de gerar coisas novas, de promover sentimentos e interesse do público. Para Pena (2008, p. 13), ter criatividade é romper com as correntes do lead: fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias é necessário para evitar a pasteurização do texto, trazendo criatividade e estilo ao texto que está sendo apresentado, possibilitando o leitor a se sentir dentro dos cenários que são descritos nas reportagens.

2.1.7. Responsabilidade ética: Preceito básico para o exercício da profissão também aparece nesta categoria jornalística. “As palavras literário e criatividade podem soar, para algumas pessoas, como licença artística para se fazer o que se bem entende. Não é assim. O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade

depende disto.”, diz Lima (2009, p. 389). Para Pena (2008, p.14), quando se escolhe um tema, deve-se pensar em “[...] como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade”. Ferreira Jr. (2003, p. 87) aponta que a responsabilidade ética abordada no jornalismo literário é prática engajada. Para facilitar o entendimento e organizar melhor as classificações escolhidas, elaboramos uma tabela, conforme verificado abaixo.

	Edvaldo Pereira Lima	Felipe Pena	Carlos Rogé Júnior	Ferreira
Exatidão e precisão	Criatividade para um texto jornalístico literário é visto como um quesito desafiador.	É uma característica básica e obrigatória. Podem ser desenvolvidas novas estratégias, mas a base está nas técnicas narrativas e das práticas do jornalismo diário.	Deve ser criativa e desafiadora. É também muito mais cativante para o leitor	
Humanização	Devem ser encontrados em uma boa narrativa, protagonistas e personagens humanos tratados com cuidado e lucidez equilibrada.	É ultrapassar os limites dos fatos cotidianos rompendo com a periodicidade e a atualidade.	Devem ser evitados os estereótipos. As pessoas não devem ser tratadas como fontes, mas como personagens da narrativa, podendo o autor também dar sua opinião.	
Estilo próprio e voz autoral	Ver o mundo com olhar diferenciado, liberto de condições limitadoras que empobrecem a visão, é condição desejável.	O texto sai do superficial, ao contrário das reportagens que são esquecidas no dia seguinte.	As temáticas devem ser universais, não ligada a tema temporal, fugindo do estreito círculo das fontes legitimadas.	
Imersão	O autor precisa mergulhar na própria história, ir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens.	É preciso criar alternativas, dar voz ao cidadão comum, preencher lacunas, ouvir pontos de vistas que foram abordados.	Buscar a realidade dos personagens indo pra rua, lugares que nenhum outro repórter possa ter ido.	
Criatividade	É a capacidade traz possibilidades de gerar coisas novas, de promover sentimentos e interesse do público.	Romper com as correntes do lead, aplicando técnicas literárias, evitando assim pasteurização do texto.		
Responsabilidade ética	O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disto.	Como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade, a responsabilidade ética é essencial.	Aponta que a responsabilidade ética abordada no jornalismo literário é prática engajada.	

3. Eliane Brum como repórter

Enxergar o mundo por meio de uma lente de alta definição é uma das características mais importantes da jornalista Eliane Brum.

Gaúcha de Ijuí, nascida em 1966, ela também é escritora e documentarista e conquistou mais de 40 prêmios. Parte do seu talento deve-se à preciosa forma de

escrever e de narrar com detalhes a vida dos personagens que surgem diante de sua busca como repórter.

Parte de seu talento está exposto em livros. Eliane Brum é autora de “Coluna Prestes: O avesso da lenda”, “Uma Duas”, “O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real”, “A Vida que Ninguém Vê”, “Meus Desacontecimentos” e “A Menina Quebrada”. A jornalista já atuou no Jornal Zero Hora e na Revista Época.

Atualmente, tem uma coluna quinzenal no El País. Além disso, dedica-se à produção de livros e documentários, ministra palestras e oficinas sobre reportagem para estudantes de jornalismo.

Transformar a notícia em história talvez seja a grande premissa da jornalista e escritora. Talvez também seja por esse motivo que através dos textos que escreve seja fácil perceber que os sentimentos brotam naturalmente e que é possível num piscar de olhos, estar dentro de cada história contada.

O olhar minucioso e repleto de amor pelo que conta faz com que Eliane se aproxime do leitor por meio da literatura da notícia, ultrapassando as barreiras da informação. É a partir daí que começamos a encontrar na prática o jornalismo literário nas publicações diárias, nas reportagens especiais e nas crônicas.

A jornalista observa o mundo, principalmente o outro mundo. “Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem a gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico.” (BRUM, 2006, p. 187).

Para contar uma boa história, o repórter precisa ser despido, pronto para encontrar realidades, muitas vezes, cruéis. Muitas vezes, a pessoa volta satisfeita com o que vivencia ao fazer o caminho de volta.

Agnes Francine, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), no perfil intitulado: *Eliane Brum e a arte da escuta* (2011, p.308), relata que a jornalista não poupa esforços e leva às últimas consequências todos os sentidos que a palavra empatia carrega. Leva consigo a disposição para se colocar no lugar do outro, indo quase sempre na contramão das concepções mais superficiais que a profissão pode proporcionar. Seu lugar é na rua, pergunta pouco e ouve muito.

Eliane não criou a reportagem-crônica, mas certamente aprofundou sua fórmula. No texto intitulado “Revista Época fica mais pobre sem Eliane Brum, sua repórter-cronista”, publicado no blog do Jornal Opção, edição 1995 de 29 de setembro a 5 de outubro de 2013, Euler de França Belém fala que

Dotando seus textos de um sabor raro. Fica-se com impressão de que o seu texto é intimista, no qual conversa consigo mesmo para, ao mesmo tempo, dialogar com os leitores e as próprias fontes. O escritor americano William Faulkner dava voz a personagens rústicos, sem apelar necessariamente para o linguajar popular, e isto me parece que Eliane Brum também faz com mestria — e menos pretensão.

Scheibe (2014. p.1), relata que a jornalista traz em seus relatos histórias das mais distintas realidades, carregadas com diversas experiências vividas e olhares distintos. Apresenta grandes observações, com finalidade de obter um bom resultado final. Com o olhar para esta diversidade de realidades que a jornalista Eliane Brum se debruça.

Eliane Brum (2006, p.191), percebendo com todos os sentidos cada personagem e cada cenário, para alcançar a realidade profunda dos outros que traduz em seus textos, como principal arma, usa o silêncio; um silêncio não só da voz, mas que dá voz.

O jornalismo, em parte, tem sido vítima e cúmplice dessa verbosidade, dessa excessiva valorização da palavra dita. O jornalista é reduzido a um compilador de monólogos, a um aplicador de aspas em série... Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para escutar o silêncio. (BRUM, 2006, p.191)

A escritora busca histórias que geralmente não têm espaço nos meios de comunicação, não traz apenas informações, conta de forma criativa, com um olhar amoroso e imerge em outros mundos, buscando o excepcional protagonizado por vidas anônimas para mostrar que cada vida é única.

No livro “O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real”, que escolhemos para análise a autora apresenta dez reportagens que levam o leitor a uma aventura pelas periferias das grandes cidades e pelo que restou das florestas do Brasil. A viagem começa por um porto nos confins da Amazônia e se encerra com uma morte em São Paulo.

4. Características do jornalismo literário na obra “O Olho da Rua”, de Eliane Brum

O objetivo geral que norteou este trabalho foi, a partir da análise de texto, mapear a presença das características do jornalismo literário em reportagens produzidas pela jornalista Eliane Brum. E assim, analisar, descrever e compreender estas características que se encontram em suas reportagens.

Como orientação, escolheu-se as reportagens publicadas no Livro o “Olho da Rua”, da Editora Globo S.A, por apresentarem conteúdos variados. A partir disto, teve-se como objetivo encontrar as características do jornalismo literário presentes nas reportagens produzidas pela jornalista e publicadas no livro.

4.1. Principais características do jornalismo literário

De acordo com as características estudadas anteriormente e expostas na tabela 1, selecionamos as principais marcas encontradas no texto da repórter Eliane Brum. São elas:

4.1.1 Exatidão: Como visto anteriormente, a exatidão é um dos elementos primordiais para um bom texto de jornalismo literário. Inúmeros autores falam dessa alternativa em suas obras. Utilizar técnicas narrativas, fugindo do modo prático do jornalismo diário e coloca-las em práticas é um ponto desafiador para o autor e bastante presente na obra da autora. Na reportagem intitulada “O homem-estatística” (BRUM, 2008, p.135), a escritora conta a história de um homem, retirante de Rio Grande do Norte que foi morar em Osasco, periferia de São Paulo. Percebe-se que a autora apresenta a preocupação de fazer com que o leitor sinta a forma de vida do personagem.

“E então vivi a vida do Pankinha por uma semana, senti a dureza das portas que não se abriam, fiz as bolhas nos pés dos caminhos de quem não tem dinheiro para o ônibus, comi seu prato de arroz com ovo, vi Estela e seus filhos pelo filtro amoroso de seu olhar.” BRUM (2008, p. 151).

A exatidão foi encontrada no trecho citado acima. Para valer-se desta técnica, a jornalista reconstruiu os sentimentos captados para os leitores, a partir de pesquisas e entrevistas já realizadas.

4.1.2. Humanização: Esta característica quando presente em textos de jornalismo literário possibilita que o leitor possa se identificar com a história que é contada. Uma boa narrativa de vida real apresenta personagens humanos, que aceitam expor seus problemas, dificuldade, alegrias e tristezas, para que pessoas possam se inspirar muitas vezes em suas superações ou dificuldades, assim como demonstra a autora estudada. No caso dela, a pessoa que se é “desbravada”, não é tratada como uma simples “fonte” e sim como um ser humano muitas vezes errante, que não teve medo de se expor. Na reportagem intitulada “A guerra do começo do mundo”, (BRUM, 2008, p. 43), a escritora fala no caso de Maurício. Nota-se que a autora tem o cuidado ao expor o

problema que o personagem apresenta, sem expor ou levar ao ridículo o fato de Maurício, filho de Maurice, lutar para limpar o nome de seu pai, mesmo morto.

“Maurício está decidido a limpar o nome do pai. Empenha-se em desmentir uma teoria que assegura ser Maurice um cúmplice de Papillon. Pior ainda, quase engasga ao contar, a mesma tese garante que Maurice era Homossexual. Tudo uma confusão com outro prisioneiro de mesmo nome, como tem provado em documentos que vão e voltam da França. Esse filho só pensa na hora do pai.” (BRUM, 2008, p. 51).

No exemplo descrito acima fica claro que a autora tem o cuidado em não expor de forma constrangedora a vida dos personagens. É possível notar palavras que levam ou mostram uma identificação com o leitor.

4.1.3. Estilo próprio e voz autoral: Ver o mundo com olhar diferenciado, liberto de condições que muitas empobrecem a visão do autor é condição desejável em textos de jornalismo literário. A reportagem sai do superficial, ao contrário das reportagens que são esquecidas no dia seguinte. As temáticas escolhidas pela autora são universais, não ligadas a um tema temporal, fugindo do estreito círculo das fontes legitimadas. Na reportagem “A enfermaria entre a vida e a morte” (BRUM, 2008, p. 355), é notável o estilo próprio, criado pela autora, para colocar o leitor dentro do cenário da notícia.

“Depois de meses sem um sorriso, o iceberg que comprimia seu riso se desprendia dele. “Essa doença me deixou de um jeito que filho me beijava, neto me beijava, mulher me beijava e eu não conseguia sorrir. Estava trancado por dentro. Então, meu filho imitou o Costinha, vejam só, o Costinha, e destrancou meu riso.” Banal assim [...] João sabia que morreria, mas tinha descoberto também o que fazia viver. A família ao redor, esse riso à toa, a mulher de uma vida, a vida vivida.” (BRUM, 2008, p. 355).

Como mostrado no trecho acima, a jornalista saiu do superficial ao escolher um assunto delicado para ser contado. Foi possível assim identificar a voz autoral, característica que essencial no jornalismo literário.

4.1.4. Imersão: Conforme já explicado, na imersão, o autor precisa mergulhar na própria história, ir a campo, ir aonde nenhum outro repórter foi, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens, criando alternativas para dar voz ao cidadão comum, preenchendo lacunas, ouvindo pontos de vistas diferentes sobre o assunto que é abordado. A escritora, na “A floresta das parteiras” (BRUM, 2008, p.19), espaço que a autora usa para deixar uma reflexão própria sobre a reportagem apresentada, relata que para uma boa reportagem nascer é preciso de tempo,

que inclui buscar a realidade dos personagens, fazer uma pesquisa um pouco mais avançada, coisa que acontece com pouca frequência nas redações de jornais.

“Quatro dias na Amazônia são um nada. As distâncias são enormes, difíceis, a natureza impõe respeito. E o tempo da cidade ou o *deadline* da redação são uma sandice que eles nem compreendem [...] Hoje eu teria só mandado o recado: a gente vai ficar aqui até o bebê da Ivaneide Iaparã achar que está na hora de vir para o mundo.” (BRUM, 2008, p. 36).

Este exemplo apresentado acima, mostra que foi preciso dias de pesquisa por parte da jornalista, para depois os dados serem inseridos na reportagem. Além de ter o cuidado de trazer ao leitor um texto atraente, a mesma não deixa de lado, informações que qualificam ainda mais o texto.

4.1.5. Criatividade: No jornalismo literário a criatividade é essencial, e no caso analisado Eliane Brum tem a capacidade de gerar coisas novas, de promover sentimentos de interesse do público, rompendo as correntes do lead, aplicando técnicas literárias, evitando assim pasteurização do texto. Na reportagem intitulada “Casa de velhos” (BRUM, 2008, p. 85) a autora mostra a realidade pessoas que chegaram a terceira idade e acabaram abandonadas. O leitor consegue estar dentro da cena, pois a reprodução do texto é criativa e liga os fatos dos idosos abandonados, com os acontecimentos de idosos comuns, no dia a dia.

“Se o mundo é perigoso para todos, para os velhos torna-se campo minado. Cada buraco na calçada pode ser fatal. Cada degrau a mais, a promoção da bengala para a cadeira de rodas. Os pés cansados não são mais capazes de alcançar o ônibus onde o motorista bufava de impaciência “com esses velhos que não pagam e ainda atrasam a gente.” (BRUM, 2008, p. 93)

Ao observar o texto em que a jornalista faça de pessoas idosas, esquecidas pela sociedade é perceptível o ganho de realidade na leitura e o aumento da atratividade pelo texto criativo que a autora apresenta.

4.1.6. Responsabilidade ética: O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disto. Como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade, a responsabilidade ética se torna requisito essencial em textos deste gênero. A autora, na reportagem intitulada Expectativa de vida: vinte anos (Brum, 2008, p. 187), fica evidente o cuidado com esse quesito. Apresenta a história de um menino que venceu a triste estatística que

anuncia uma morte precoce dos jovens moradores de periferia. E com o intuito de que outros jovens se espelhem em sua vitória, mostra crianças que querem vencer na vida, conforme Serginho Fortalece.

“Aos dez anos, “entrou para o caminho errado” [...] Serginho Fortalece repete o bordão das periferias: “Essa vida do crime só acaba em cadeia, cadeira de rodas ou cemitério”. Ele está vivo porque, dos três destinos, ficou com o primeiro [...] Felipe, de quatro anos, e Milene, de sete, crianças da favela, anunciam: “Quando a gente crescer, vai ser palhaço que nem o Fortalece”.” (BRUM, 2008, p. 187, 188, 189.)

Com base nas características analisadas, as 10 reportagens publicadas no livro apresentam características do gênero jornalístico literário. A autora consegue claramente potencializar os recursos do jornalismo, por fazer de uma pauta normal, que não renderia muito assunto e maçante, em um material que certamente despertaria a atenção de qualquer leitor.

5. Considerações finais

O livro “O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real” é muito mais que um livro de reportagens. A autora nos coloca dentro dos acontecimentos e escreve como uma jornalista literária que apresenta uma capacidade de observação especial. A publicação das reportagens brinda-nos com histórias surpreendentes, repletas de simplicidade e a realidade é evidente. Ela nos confirma que vida pulsa na rua.

A autora brinda os leitores com palavras emoldurando as reportagens dentro do coração e faz sentir a temperatura do lugar nos poros dos fatos narrados. Recordar de cada reportagem realizada por Eliane poderá nos ajudar quando realizarmos nossas próprias entrevistas. E que nossos ouvidos aprendam a ouvir verdadeiramente a vida que pulsa nas ruas. “Escutar é mais que ouvir. Escutar é abarcar a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras e do silêncio”, diz a jornalista.

O jornalismo literário, definimos como uma linguagem musical em constante transformação. As reportagens publicadas no livro atendem aos requisitos de precisão e clareza para bem informar. Apresentam níveis de aprofundamento, não se reduzindo à compilação de dados e números. Eliane estabelece relações que aprofundam o tema e opta por um texto original com conteúdo atraente, que torna a notícia uma história.

A união entre jornalismo e literatura é totalmente possível, já que a literatura em momento algum abandonou o compromisso com a verdade do jornalismo. São conceitos distantes que em circunstâncias diversas não encontram conexão. Porém, a jornalista utiliza duas esferas para falar do ser humano e da realidade de vida. Não se trata só de jornalismo e literatura, mas sim melodia para os olhos de quem lê.

A jornalista encontra na literatura os sentimentos para expressar o ser humano e no jornalismo a veracidade para apresentar a realidade.

6. Referências bibliográficas

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário Para Iniciantes**, 1, 2010, São Paulo: Edição do Autor.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**, 4, 2009, São Paulo: Editora Manole Ltda

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

VIZEU, Alfredo. Beltrão, os estudos e as teorias do Jornalismo. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2007.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987.

BOAS, Sérgio Vilas (org). **Jornalistas Literários. Narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Ed. Summus, 2007.

FERREIRA, Jr., Carlos A. Rogé. **Literatura e Jornalismo**, Práticas Políticas. São Paulo: Edusp, 2003.

SCHEIBE, Roberta. **“A vida que ninguém vê”: As crônicas de Eliane Brum refletidas sob a ótica da Sociologia das Ausências**. Trabalho apresentado no DT 06 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2014.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo. Ed. Agir, 1969.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo. Ed. Contexto. 2006.

KÖNING, Mauri. **Narrativas de um correspondente de rua**. Curitiba: Pós-Escrito, 2008.

DISPONIVEL EM: <<https://www.raspas.com.br/pensadores/578> > Acesso em: 05 de outubro de 2014.

DISPONIVEL EM: <<http://www.jornalopcao.com.br/colunas/imprensa/revista-poca-fica-mais-pobre-sem-eliane-brum-sua-reporter-cronista>> Acesso em: 23 de junho de 2015.